ARTIGOS

Freud, Ifigênia em Tauride e o Prêmio Goethe

Freud, Iphigenia in Tauris, and the Goethe Prize

Freud, Ifigenia en Táuride y el Premio Goethe

Anchyses Jobim Lopes

Faz-se com amor aquilo que se descobre.
Com segurança, aquilo que se aprendeu.
Goethe

Resumo
Artigo incluso nas obras completas de Freud, composto de carta de agradecimento ao Dr. Alfons Paquet pela carta recebida comunicando o recebimento do Prêmio Goethe, outorgado pela cidade de Frankfurt. A satisfação de Freud com tal prêmio. O único prêmio ganho em vida por Freud. Dados sobre o Dr. Paquet e sua carreira, com alguns paralelismos com a de Freud. Discurso redigido por Freud, para ser lido por Anna Freud em Frankfurt pela outorga do prêmio. No discurso Freud coloca Ifigênia, em Tauride de Goethe, como sendo a mais relevante obra de Goethe. Comparação entre a Ifigênia em Tauris, peça de Eurípides, e a Ifigênia em Táuride, de Goethe. A obra de Eurípides, fundamentada em textos gregos antigos com vários assassinatos, passagens ao ato, engodos e fugas. Obra de Goethe, com os mesmos personagens, mas buscando o aprofundamento das relações e motivações que se tornam conscientes. O pedido de Ifigênia que só partirá para sua terra natal se o rei de Táuride também lhe desejar a ida e despedir-se com 'adeus'. O que o rei acede. Anna Freud leu em Frankfurt publicamente o texto de seu pai. Mas, poucos dias antes, o Dr. Michael, vereador de Frankfurt, veio com a esposa a Grundlsee para conferir o diploma e a quantia do prêmio pessoalmente a Freud. A surpresa para Freud por ter também vindo a esposa de Herbert Graf, "o Pequeno Hans".

***Palavras-chave*:** Freud, Prêmio Goethe, Ifigênia em Tauride

Abstract
This article, included in Freud's complete works, consists of a letter of thanks to Dr. Alfons Paquet for the letter received informing him of the Goethe Prize, awarded by the city of Frankfurt. Freud's satisfaction with the prize, his only award he ever won in his lifetime. Information about Dr. Paquet and his career, with some parallels to Freud's, and a speech written by Freud to be read by Anna Freud in Frankfurt upon receiving the prize. Freud presents Goethe's Iphigenia in Tauride as Goethe's most important work. Comparison between Euripides' Iphigenia in Tauris and Goethe's Iphigenia in Tauride. Euripides' work, based on ancient Greek texts, features: several murders, acts of violence, deceptions, and escapes. Goethe's work, with the same characters, but seeking to deepen the relationships and motivations that become conscious.

Iphigenia's request that she will only leave for her homeland if the king of Tauride also wishes her to go and bids her farewell with 'goodbye'. What the king agrees to. A brief comment on the fact that Anna Freud publicly read her father's text in Frankfurt. But a few days before the ceremony in Frankfurt, Dr. Michael, a Frankfurt city councilor, came with his wife to Grundlsee to personally present Freud with the diploma and prize. It would have been a surprise to Freud that Dr. Michael and his wife were also accompanied by the wife of Herbert Graf, "Little Hans".

***Keywords*:** Freud, Goethe Prize, Iphigenia in Tauride

Resumen
Este artículo, incluido en las obras completas de Freud, consiste en una carta de agradecimiento al Dr. Alfons Paquet por la carta que recibió informándole del Premio Goethe, otorgado por la ciudad de Fráncfort. Expresa la satisfacción de Freud con este prêmio, el único que recibió en vida. También incluye información sobre el Dr. Paquet y su trayectoria, con algunos paralelismos con la de Freud. Discurso escrito por Freud, que Anna Freud leerá en Fráncfort al recibir el premio. En el discurso, Freud presenta la Ifigenia en Táuride de Goethe como su obra más importante. Comparación entre la Ifigenia en Táuride de Eurípides y la Ifigenia en Táuride de Goethe. La obra de Eurípides, basada en textos griegos antiguos, presenta numerosos asesinatos, actos de violencia, engaños y fugas. La obra de Goethe, con los mismos personajes, busca profundizar en las relaciones y motivaciones que se hacen conscientes. Ifigenia pidió que solo regresara a su patria si el rey de Tauris también quería que fuera a despedirse con un «adiós». El rey accedió. Un breve comentario sobre el hecho de que Anna Freud leyera públicamente el texto de su padre en Fráncfort. Pero unos días antes de la ceremonia en Fráncfort, el Dr. Michael, concejal de la ciudad, acudió con su esposa a Grundlsee para entregarle personalmente a Freud el diploma y el premio. Para sorpresa de Freud, también acudió la esposa de Herbert Graf, «el pequeño Hans».

***Palabras clave*:** Freud, Prêmio Goethe, Ifigenia en Táuride

Introdução - Uma constelação ao redor de um prêmio

É discutível quanto Freud poderia ter esperado ou não ser agraciado com o Prêmio Nobel, outorgado em várias áreas, inclusive a medicina, a partir de 1901. O que jamais ocorreu.

Mas outro prêmio fora criado em 1927, pela cidade de alemã de Frankfurt am Main, o Prêmio Goethe, em homenagem ao seu filho mais ilustre, que também veio a ser de toda Alemanha, Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). Goethe é mais conhecido como escritor de obras clássicas da literatura alemã, mas que também realizou incursões pelas ciências naturais, botânica, anatomia, estudo das cores, relatos de viagens e obras literárias de vários tipos. Sendo as mais famosas, os *Faustos I* e *II*. E, como se não fosse bastante, Goethe mudou-se para Weimar, sede de um grão-ducado ao norte da Alemanha, onde foi chanceler do tesouro e virtual primeiro-ministro. Ainda não sendo suficiente, Goethe,

> Grande interessado em culturas, não deixou de observar aspectos da cultura brasileira. Em sua biblioteca constavam 17 títulos de obras que tratavam do Brasil, além de estarem registrados empréstimos de livros do tema na biblioteca de Weimar. Goethe conheceu canções tupinambás através da leitura de *Dos Canibais* de Montaigne e mantinha um intercâmbio

de informações científico com Carl Friedrich Philipp von Martius, a quem costumava chamar de "o brasileiro Martius" (Johann Wolfgang von Goethe, 2017).

O Prêmio Goethe (1930) acabou tornando-se um artigo nas edições das obras completas ou incompletas de Freud. Divide-se em duas partes. Primeiro uma carta ao Dr. Alphons Hermann Paquet, escritor, jornalista e poeta, membro da Academia Prussiana de Letras. Na carta, Freud justifica que problemas de saúde e sua idade o impedem de ir pessoalmente receber o prêmio. E, a segunda parte, bem mais extensa, é o texto escrito por Freud para ser lido em Frankfurt, por sua filha Anna, na cerimônia do Prêmio.

O artigo de Freud sobre o Prêmio Goethe pode ser discutido de várias formas. Aqui dividiremos em três itens.

Primeiro, algumas curiosidades e indagações sobre as ações do Dr. Paquet, hoje defensor incógnito da psicanálise.

Segundo, ao invés de privilegiar no texto a ser lido na cerimônia de Frankfurt, a obra tida como maior de Goethe, *Fausto*, Freud dá prioridade a *ifigênia em Tauris*, peça de teatro revista várias vezes pelo autor. E, na vida de Goethe, apesar de na época ter se tornado um dos maiores nomes da literatura europeia, *Ifigênia* continuou em um plano muito secundário de sua obra. Apresentaremos os possíveis motivos pelos quais seria a obra de Goethe mais apreciada por Freud.

Terceiro, o reaparecimento de um personagem mais importante do que se supõe na vida de Freud: o Pequeno Hans, cujo nome verdadeiro era Herbert Graf. Enquanto Anna Freud iria a Frankfurt ler o texto escrito por seu pai para o recebimento do Prêmio Goethe, o Dr. Michael, vereador de Frankfurt, veio a Grundlsee para conferir pessoalmente o diploma e a quantia do Prêmio a Freud. O Dr. Michael estava acompanhado de sua esposa e, para espanto de Freud, também da esposa de seu famoso paciente "Pequeno Hans" (Jones, 1957, pp. 151-152, tradução nossa).

1 Paquet e Freud:

Alphons Hermann Paquet (1881-1944) foi um escritor, poeta, ensaista e jornalista alemão. Nascido em uma família batista, profundamente religiosa. Seu pai era um fabricante de luvas. Inicialmente foi forçado a aprender a profissão do pai. Mas aos dezenove anos ganhou um prêmio literário. Em pouco tempo, tornou-se editor da revista cultural *Die Rheinlande*, sediada em Düsseldorf, e conseguiu financiar, com vários trabalhos, os seus estudos, que concluiu em 1907 na Universidade de Jena com uma dissertação em História Económica. Foi admitido na Academia Prussiana de Artes. Em Frankfurt participava do Prêmio Goethe como representante da cidade; foi secretário do conselho curador da fundação por vários anos. Após a ascensão dos nazistas ao poder, renunciou à Academia por não ter assinado a declaração de conformidade com o novo regime. Em 1935, ele foi preso por pouco tempo, em Berlim, por ser considerado comunista pelos nazistas. Faleceu em Frankfurt, de ataque cardíaco, em 1943, durante os bombardeios (Alfons Paquet).

Mas ainda, em 1930, Freud vinha das últimas férias que passaria longe dos arredores de Viena. Ele chegou lá em 28 de julho e, apenas alguns dias depois, recebeu a carta anunciando que o Prêmio Goethe daquele ano lhe havia sido concedido.

A ideia em si partira de Paquet. Ele foi apoiado na reunião realizada para discuti-la por um psiquiatra de orientação analítica, o Dr. Alfred Doblin, que representava a Seção de Poesia da Academia Prussiana de Artes. A maioria do Comitê, que incluía vários clérigos, após muita discussão, se opôs à proposta, mas nenhuma votação foi realizada. Não parecia muito promissor. Mas Paquet estava determinado a superar a oposição e, após algumas semanas de propaganda pessoal, conseguiu o aceite do nome de Freud (Jones, 1957, pp. 151-152, tradução nossa).

A resposta de Freud ao Dr. Paquet inicia o "artigo" hoje nas obras completas de Freud:

O Prêmio Goethe - Carta ao Dr, Alfons Paquet e Discurso na casa de Goethe. O valor do Prêmio era de 10.000 marcos (US$ 2.380,00), o que cobria as despesas da longa estadia de Freud em Berlim. Freud havia combinado de ir a Berlim na terceira semana de abril para a confecção de uma nova prótese, mas, assim como acontecera por volta dessa época três anos antes, ele teve de obedecer às ordens médicas e se retirar para o Sanatório Cottage para tratar tanto seus problemas cardíacos quanto abdominais.

E Freud deixa claro que a associação com Goethe tornava a honra especialmente digna e lhe dava grande prazer.

Podemos especular um certo paralelismo entre Paquet e Freud. Ambos de origens étnicas não alemãs. Ambos também cujas famílias, não germânicas, de origens religiosas minoritárias de grande severidade. Embora Freud e Paquet as interpretassem muito ao seu modo, viam a realidade em um certo ângulo com o universo. E, em poucos anos, ambos viriam a ser perseguidos pelo nazismo.

2 Goethe e Freud

O segundo item do artigo *O prêmio Goethe* é o texto de Freud lido por Anna Freud, na casa de Goethe, em Frankfurt. O que surpreende é ser um texto não sobre a obra mais famosa de Goethe – *Fausto* -, nem de outras quase tão famosas e temáticas para a psicanálise: *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* ou *As Afinidades Eletivas*. Para o discurso de agradecimento pelo prêmio Goethe, Freud deixa, fora de qualquer dúvida, qual é sua obra favorita de Goethe: *Ifigênia em Táuride*.

> Na *Ifigênia*, talvez sua criação mais sublime, Goethe nos oferece um comovedor exemplo de expiação, de liberação do fardo da culpa por uma alma sofredora, e faz com que essa catarse se realize mediante uma apaixonada irrupção de sentimentos, sob a benéfica influência de um afetuoso interesse. (Freud, 2010, p. 360)

Ifigênia em Táuris (em alemão: *Iphigenie auf Tauris*) é uma releitura de Johann Wolfgang von Goethe da tragédia grega antiga de Eurípides, escrita entre 414 a.C. e 412 a.C. O título de Eurípides significa *Ifigênia entre os Táurios*, enquanto o título de Goethe traduzido do alemão significa *Ifigênia em Táuride*, a terra dos Táurios.

Goethe escreveu a primeira versão de sua peça em seis semanas, e ela foi apresentada pela primeira vez em 6 de abril de 1779, em forma de prosa. Mas sem grande sucesso. Ele a reescreveu em 1781, novamente em prosa. Goethe levou consigo o manuscrito de Ifigênia em Táuris em sua famosa viagem à Itália e, finalmente, em 1786, reescreveu toda a peça em forma de verso. Para compreendermos melhor a diferença entre as peças de Eurípides e de Goethe é necessária uma apresentação da família e descendentes de Tântalo. Assim como um resumo da peça de Eurípides.

2.1 Ifigênia em Táurios: do mito grego à peça de Eurípides

Geralmente se dizia que Tântalo era filho de Zeus e de uma mulher chamada Plutão. Amado pelos deuses por sua sabedoria, o semideus Tântalo foi certa vez convidado para um banquete com os deuses. Em meio à celebração, tornou-se exuberante, vangloriou-se e roubou o néctar e a ambrosia dos deuses, seus alimentos da imortalidade. Quando os deuses vieram confrontar Tântalo, este testou sua onisciência oferecendo-lhes seu próprio filho, Pélops, como refeição. Tântalo o matara, o cortara em pedaços e o preparara em um ensopado. Esse prato era então servido aos deuses. Mas, frequentemente, diz-se que Tântalo quisera testar a presciência divina dessa maneira. Todos os deuses, entretanto, reconheceram a carne que lhes foi servida, e nenhum a comeu. Exceto Deméter, que, faminta, devorou um ombro. Os deuses condenaram a atitude de Tântalo, e trouxeram Pélopes de volta à vida, restaurando seu ombro com uma peça de marfim fabricada por Hefesto.

Ofendidos pela arrogância e desafio aos deuses, baniram Tântalo para o Tártaro e o amaldiçoaram, juntamente com sua família, que veio a ser conhecida como a Casa de Atreu, o filho de Pélops. Essa maldição ficou conhecida como a maldição dos Tântalidas, na qual os descendentes de Tântalo, em todas as gerações subsequentes, eram impelidos pela vingança e pelo ódio a assassinar seus próprios familiares.

E, por fim, chegamos à Guerra de Tróia, fonte dos principais textos da Grécia antiga: a Ilíada e a Odisseia. Atreu foi pai de Agamemnon e de Menelau. Agamemnon é célebre por ter comandado o exército no cerco à cidade de Troia. É um dos personagens mais importantes da Ilíada: fora o rapto de Helena, mulher de Menelau, rei da Lacedemónia (Esparta), por Páris, que deu origem à Guerra de Troia.

As tropas se reuniram para partir de Áulis, um porto na Beócia. Ali, Agamemnon provocou a ira da deusa Ártemis. A versão mais aceita é que Agamemnon matou um animal sagrado para Ártemis, e depois, segundo algumas versões, gabou-se de ser melhor que a deusa na caça. Para castigar o rei, a deusa fez faltar vento de modo que a frota grega não podia seguir para Troia. O adivinho Calcas foi chamado e ele explicou o motivo da ira da deusa e que, para aplacá-la, seria necessário o sacrifício de Ifigênia (filha mais velha de Agamemnon).

No último instante, a deusa Ártemis, a quem o sacrifício seria feito, interveio e substituiu Ifigênia no altar por uma corça, salvando a jovem e levando-a para a terra dos Táurios. Desde então, ela se tornou sacerdotisa no templo de Ártemis em Táurica, posição na qual tem a tarefa macabra de sacrificar ritualmente os estrangeiros que desembarcam nas costas do Rei Thoas. Mas o artifício da deusa para salvar Ifigênia ficara desconhecido de todos.

Clitemnestra, revoltada com o sacrifício a Ártemis de sua filha Ifigênia pelo próprio pai Agamemnon, vingou-se de seu esposo, unindo-se a um primo deste, Egisto, para assassiná-lo, e depois reinar sobre o povo de Micenas. Após isso, rejeitou seus outros dois filhos, Electra e Orestes. E, por sua vez, Orestes matou a sua mãe Clitemnestra e Egisto seu amante, para vingar o assassinato de seu pai, Agamemnon.

Orestes passa a ser atormentado pelas Erínias, ou Fúrias, pelo sentimento de culpa do seu matricídio. E a única pessoa capaz de acalmar Orestes da sua loucura era a sua irmã Electra.

Sendo agora culpado de um assassinato, ele também caiu sob a maldição da família. Numa tentativa de escapar de seu destino iminente de ser vítima de vingança e morto por seu crime, Orestes fugiu. Consultando o Oráculo de Apolo em Delfos, Orestes foi instruído a trazer sua irmã Ifigênia para Atenas, essa seria a única maneira de quebrar a maldição. Como supunha que sua irmã Ifigênia já estivesse morta, Orestes presumiu que o oráculo deveria estar se referindo à irmã gêmea de Apolo, a deusa Diana. Portanto, planejou roubar a estátua de Diana do templo em Táuris e partiu com seu velho amigo Pílades para a costa de Táuris.

A peça de Eurípides inicia com Ifigênia refletindo sobre a morte de seu irmão. Ela relata seu "sacrifício" nas mãos de Agamenon e como foi salva por Ártemis e nomeada sacerdotisa da deusa no templo em Táuris. Ela teve um sonho em que a estrutura da casa de sua família desabou em ruínas, restando apenas uma coluna que ela então lavou como se a preparasse para um sacrifício ritual. Ela interpreta esse sonho como um presságio da morte de Orestes. Então Orestes e Pílades entram em cena, tendo acabado de chegar à Tauris.

Orestes partiu para a Táuris a fim de roubar a estátua de Ártemis e devolvê-la à cidade de Atenas. Preso com Pílades, foi condenado a ser sacrificado à deusa. Mas sua irmã Ifigênia, sacerdotisa de Ártemis, reconheceu-o. Os três planejam fugir, levando a estátua da deusa.

Ifigênia explica a Thoas, rei de Tauris, o seguinte: os estrangeiros chegaram com sangue de parentes nas mãos e precisam ser purificados. A estátua também precisa ser purificada. Ifigênia explica que gostaria de purificar os estrangeiros e a estátua no mar, para tornar o sacrifício mais puro. Thoas concorda que isso deve ser feito e não suspeita de nada. Ifigênia diz a Thoas que ele deve permanecer no templo e purificar o salão com tochas, e que ela pode demorar bastante. Os três saem de cena.

Pouco tempo depois um mensageiro entra, gritando que os estrangeiros escaparam. Thoas sai do templo, perguntando o que está acontecendo. O mensageiro explica as mentiras de Ifigênia e que os estrangeiros lutaram contra alguns nativos e depois escaparam em seu navio heleno com a sacerdotisa e a estátua. Thoas convoca os cidadãos de sua terra para correrem pela praia e alcançarem o navio. Mas, então, surge a deusa Atenas e explica a Thoas que ele não deve ficar com raiva. Thoas acata as palavras de Atena, pois quem ouve as palavras dos deuses e não as acata está fora de si. Atena também se dirige a Ifigênia, dizendo-lhe para ser sacerdotisa nos terraços sagrados de Brauron, e diz a Orestes que o está salvando novamente. Salvos, Orestes herda o reino de Agamemnon, a que anexou Esparta e Epiro, depois do casamento com Hermíone, filha de Menelau e de Helena.

Se interpretarmos a partir dos textos freudianos ligados à sociedade e cultura, a partir de *Totem e Tabu*, todos eventos acima mencionados descrevem uma não lei não escrita e com o poder absoluto de vida ou morte, mesmo sobre parentes de primeiro grau. Deduz-se que para todos demais súditos o poder do rei seria ainda mais absoluto. Curiosamente, quem protege Ifigênia do sacrifício em Aulis é uma deusa, Artemis. Agora outra deusa intercede diante ao rei de Tauris para que deixe Ifigênia, agora Atenas. Mas as aparições divinas estão além do controle humano.

Todo este mundo de mitos e peças teatrais gregas da Antiguidade era do domínio de Freud. Não apenas do Freud adulto, mas já do Freud pré-adolescente e adolescente.

> Freud, até certo ponto de sua vida, permaneceu fiel a esse modelo de cultura. Ele teve uma excelente educação clássica no *Sperygymnasium* de Viena; no exame de conclusão do ensino médio, no verão de 1873, ele teve que traduzir, do latim, cerca de cinquenta versos da Eneida de Virgílio e do grego uma passagem da tragédia Édipo Rei de Sófocles (Stock, 2011).

Não foi uma coincidência surpreendente, ter anos depois Freud usado o nome de Édipo, em sua *Interpretação dos Sonhos*, para nomear a experiência psicológica da criança de amar sua mãe e sentir ciúmes de seu pai.

No texto escrito por Freud para o Discurso na casa de Goethe em Frankfurt, a ser lido por Anna Freud, primeiro menciona o *Fausto*, geralmente tido como a obra mais importante de Goethe. Mas, cinco parágrafos depois, Freud disserta sobre outra obra de Goethe, que considera ainda mais importante que o *Fausto*: *Ifigênia em Táuride*. Freud ainda menciona, no texto lido por Anna Freud, uma experiência terapêutica bem-sucedida realizada pelo próprio Goethe e que ele

> '(...) sempre teve Eros em alta conta, jamais tentou menosprezar seu poder, acompanhou suas manifestações primitivas e até mesmo licenciosas com respeito não menor que as altamente sublimadas e, segundo me parece, defendeu a unidade essencial de todas as suas formas de expressão (...)' (Freud, 2010, p, 361).

2.2 - Ifigênia em Táuris de Goethe versus Ifigênia em Táurios de Eurípides

A coletânea de mitos acima descritos ao redor dos Tantálidas, ocorridos antes do início da peça de Eurípides, bem como os que se desenvolvem no palco, na época da Grécia Clássica, eram de domínio público

por todos da classe dominante e letrada. Mas até hoje impressionam por sua violência, múltiplos assassinatos, traições e mentiras. Tendo ao fundo também o que hoje conhecemos como abusos sexuais. E indaga-se o quanto tudo isto seria o reflexo das classes privilegiadas.

Uma leitura freudiana pode ser feita. E a principal obra de Freud sobre a origem da sociedade pode ser *Totem e Tabu*. Mas a descrição e entrelaçamento dos mitos gregos acima mencionados, desde a origem dos deuses até os conflitos entre as cidades gregas, evocam muito mais o pré-totêmico. Sendo os deuses reais e concretos, a lei é a do mais forte. Não surgira ainda a passagem a uma lei abstrata e consensual, o que se mostra bastante em conformidade por ter sido a Grécia antiga uma coletânea de dezenas de cidades muito ou completamente autônomas umas das outras, estando, frequentemente, em conflito entre elas.

O feminino era apenas uma moeda de troca e de exibição do poder das castas masculinas, únicas a ter direitos políticos. Possivelmente, também os únicos a terem acesso à escrita e, talvez, também ao teatro.

Ifigenia em Táuride, de Goethe, se utiliza dos mesmos mitos já descritos. Mas ocorre uma completa mudança. Não mais a lei do mais forte na pólis e nas guerras, dos assassinatos de familiares de primeiro grau, e dos deuses e deusas que elegem ou destroem mortais como se fossem peões de um jogo. Claro que todas estas características até hoje permanecem. Mas subordinadas, ou pelo menos deveriam sê-lo, a princípios comuns, abstratos e socialmente aceitos.

Na peça de Eurípides, Ifigênia joga na mesma moeda de como fora tornada peão por seu pai, pela deusa e pelo rei de Táurios. A simulação e o engodo são válidos e aplaudidos pela plateia. A tarefa sagrada de Ifigênia, que lhe dá alto status em uma sociedade alheia, é matar desconhecidos que apenas tenham a infelicidade de aportar ou naufragar em Táurios ou nos arredores. Para o rei Thoas, Ifigênia é pouco mais que uma serva.

Mas bem coerente com o romantismo e o iluminismo do século XVIII, em *Ifigênia em Tauride* de Goethe, as relações e motivos agora são bem mais humanos. O rei Thoas, há muito viúvo e tendo perdido seu único filho, nada secretamente corteja Ifigênia, cuja função não é mais a de matar os desavisados que cheguem Tauris.

Em uma das mais belas cenas, Arkas, confidente de Thoas, anuncia a chegada do rei. Ifigênia confessa-lhe a saudade de casa e que, por isso, foi privada do gozo de viver. Arkas lembra-lhe de todo o bem que ela fez em Táuris.

> Desde tua vinda aqui nada fizeste? Quem alegrou o ânimo soturno do soberano? Quem, de ano para ano, com doce persuasão foi abolindo o antigo e cruel uso das aras de Diana dar morte aos estrangeiros (...)? (Goethe, 2016, p. 14)

Arkas explica que o rei virá pedir sua mão em casamento e aconselha-a a aceitar. Ifigênia recusa: o casamento a prenderia a Táuris para sempre.

Em suas linhas principais, o enredo segue o de Eurípides. Mas agora há muitas críticas, como em relação aos sacrifícios humanos. Ifigênia relata seu horror diante de seu próprio sacrifício, ainda em Aulis. Até que a deusa decide ludibriar a todos e matar uma corça.

> Diante do altar senti tremer-me o corpo, e percebi, de joelhos, achegar-me a prematura morte. Já o cutelo se alçara para transpassar-me o peito transbordante de vida; horrorizada sentia rodar tudo à minha volta; a vista me fugiu e... vi-me salva! Obrigados, então não estaremos a dar aos desgraçados o que os deuses nos concederam tão benignamente? (Goethe, 2016, p. 107)

E, na continuação deste diálogo entre Ifigênia e o rei Thoas, que defende a

sacerdotisa seguir as práticas de seu ofício e não a vontade do rei, Ifigênia responde que já o faz: "Nasci tão livre quanto qualquer homem" (Goethe, 2016, p. 107).

Tal como na peça da antiga Grécia, Ifigênia, juntamente com Orestes e Pílades, unem-se para sair de Táuride. Só que agora não as escondidas. E, também, levando a estátua de Diana ao retorno de seu local originário. Mas não como se fosse um roubo e sim um direito. Ifigênia pede ao rei:

> IFIGÊNIA
> Pensa no que disseste, e comover-te deixa pelo discurso que uma boca leal e reta profere. Muitas outras ocasiões não terás como esta para realizar tão nobre ato. Recusar-te a isto a isto não poderás. Acede logo!
> THOAS
> Está bem: podes ir.
> IFIGÊNIA
> Mas não assim, meu rei! Sem tua benção, desgostoso deixando-te, de ti não me separo. Não nos desterres. Entre nós agora vige o direito da hospitalidade. Para sempre não é que separar-nos vamos a despedir-nos. Tão dileto me és estimado como foi meu pai, e na alma esta impressão há de ficar-me. Se em qualquer tempo algum de teus vassalos, o mais humilde, me levar aos ouvidos o acento desta fala que ouvir me acostumei entre vós outros, ou se eu reconhecer nos seus andrajos vosso traje nativo; hei de hospedá-lo como a um dos deuses Com estas mãos eu própria hei de aprestar-lhe o leito. Na lareira uma cadeira aprontarei para ele, só de ti inquirindo-o do teu fado. Que merecida recompensa os deuses te outorguem pelas tuas ações nobres, tua benignidade. Adeus! A vista dirige para nós e uma palavra gentil de despedida me endereça. Dentro em pouco suavemente os ventos enfunarão as velas, e dos olhos dos que se apartam correrão saudosas e aliviadoras lágrimas. Adeus. E agora ao nos partimos, dá-me a destra, como penhor de uma amizade antiga.
> THOAS
> Adeus! (*Lebt wohl!*)

2.3 - Ifigênia em Táuris de Goethe e de Freud

Embora fundamentada no mesmo ciclo mítico e com o enredo básico mantido da *Ifigênia em Táurios* de Eurípides, a *Ifigenia em Táuride* de Goethe possui grandes diferenças.

A descrição acima resumida dos mitos gregos que, entre várias outras obras, foram a base das peças em que a personagem principal foi Ifigênia, nos deixam surpresos pela violência, ainda mais com a quantidade de assassinatos entre familiares. Nos leva a postular até mesmo uma fase da humanidade ainda anterior às leis totêmicas.

A violência e o engodo arquitetados por Orestes, Pilades e Ifigênia, para fugirem de Táurios, levando a estátua da deusa na peça de Eurípides, desaparecem na obra de Goethe. Na peça do século XVIII, Ifigênia, com autorização do rei Thoas, conseguiu tornar sacrifícios humanos em rituais inofensivos. Na versão de Goethe, o rei está apaixonado pela sacerdotisa e espera casar-se com ela. Ifigênia não só revela a todos quem são Orestes e Pilades, como seu próprio desejo de retorno à sua cidade natal. Há ameaças de imposição do desejo alheio pela violência. Mas também uma discussão aberta entre os modos antigos em que o poder do rei era totalitário e, agora, onde há limites e negociações impostas ao próprio rei.

Há um pulo civilizatório entre as peças de Eurípides e Goethe. Não mais uma obediência sem qualquer poder de crítica pelos súditos. O próprio rei critica o que seria um avanço civilizatório, que ao final da peça ele próprio terá de aceitar:

> Por modo horrível a ira me enche o peito; contra ela, inicialmente, que eu na conta tinha de tão sagrada, e logo contra meu próprio ser, pois a eduquei para esta traição com tanto amor e tanto mimo. À escravidão o homem se afaz depressa e aprende a obedecer, quando privado se vê da liberdade. Tivesse ela sido

> apanhada pelas mãos pesadas de meus antepassados (...) julgar-se-ia muito feliz por se salvar sozinha (...) e não vacilaria em derramar nas aras sangue estranho, o nome do dever o que fora necessidade. Agora meu bondoso procedimento atiça-lhe no peito desejos temerários. (...) (Goethe, 2016, pg. 104)

Ifigênia irá além da mudança de ritos sangrentos e mortais a rituais que privilegiam a vida humana. E defende algo mais forte: vínculos afetivos. Mais potentes que os rituais. Onde possamos pensar na vontade de um só se transformando na coletividade que se une ao redor de um totem, depois passando de figuras não humanas para semi-humanas, depois completamente humanas, até o não figurativo das leis escritas, consensuais e sempre abertas a atualizações. Mas a fundamentação em vínculos afetivos ainda se baseia em desejos pessoais, que em sociedade necessitam ser limitados, como acima o próprio rei Thoas teve de aceitar. O rei não é mais um pai primevo, mas um primeiro cidadão, que, pelo poder que encarna, necessita de limites mais que todos os súditos. E para tal necessita de leis escritas, universais, mas sempre atualizáveis.

Desde os mitos gregos, passando pelas peças do teatro grego antigo que chegaram até nós, até a versão iluminista que, ainda ao tempo de Goethe transbordará na luta pelos direitos humanos universais, haverá grande retrocesso com a derrota de Napoleão. Mas, em algumas décadas, haverá novos movimentos em direção ao retorno dos direitos universais.

Freud, que em paralelo escrevia e praticava na clínica individual, ao mesmo tempo, desde *Totem e Tabu*, passando por vários novos textos, até ao último, *Moisés e O Monoteísmo*, estava plenamente ciente do paralelismo entre o individual e o coletivo.

3 – O ex-pequeno Hans e Freud

E nas entrelinhas do relato do recebimento do *Prêmio Goethe* a Freud, relatado por Ernst Jones no terceiro volume de *Vida e obra de Sigmund Freud*, surge uma informação muito interessante. Enquanto Anna Freud iria a Frankfurt ler o texto de Freud que hoje consta de todas as edições das obras completas do pai da psicanálise, ocorreu uma segunda visita a Freud, só mencionada por Ernst Jones.

Poucos dias antes da cerimônia, em 24 de agosto, o Dr. Michael, vereador de Frankfurt, veio a Grundlsee para conferir o diploma e o prêmio a Freud. Ele estava acompanhado de sua esposa e, para espanto de Freud, também da esposa de seu famoso paciente "Pequeno Hans" (Jones, 1957, pp. 151-152, tradução nossa).

Uma extensa biografia, com todos os trabalhos de Herbert Graf está disponível on-line. Em 1930, Herbert Graf primeiro produziu *A Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny*, de Bertold Brecht e Kurt Weill e depois a estreia mundial de *De Hoje para Amanhã*, de Arnold Schoenberg. Brecht, Weil e Schoenberg, hoje os três artistas são renomados.

Ainda assim, Jones relata que Freud ficara surpreso com a vinda da primeira esposa de Herbert Graf. Convite da Câmara de Frankfurt? Ou Freud e Herbert Graf mantinham contato?

O pós-escrito adicionado por Freud, em 1922, em *O pequeno Hans: análise de uma fobia de um menino de cinco anos*, pela visita inesperada de Herbert Graf, então com 19 anos. Graf redescobrira, entre os livros de seu pai, seu próprio caso clínico. Ao início, não lembrava do que ocorrera quando criança. Mas pela leitura relembrou de Freud e de seu caso. Herbert Graf aos 19 anos não se apresentou por seu nome real, mas declarando "eu sou o pequeno Hans". O que revela ter mantido uma razoável transferência.

Conclusão: Eros e civilização

As peças de Eurípides e de Goethe surgem a partir dos mesmos relatos mitológicos, mas são são trabalhados de modo oposto.

Na peça de Eurípides, o poder dos deuses se mescla com o dos protagonistas como se fora um agente externo. Há uma tosca subjetividade. Os afetos são intensos, mas estão mais no ramo das paixões. O logro e o engano são aceitos no vale tudo para se obter os maiores ganhos. Estamos nos relatos em que domina a passagem ao ato. O importante é Ifigênia, Orestes e Pilades ludibriarem o rei. A peça termina por passagens ao ato: dissimulação, fuga e o roubo. Nada muito promissor para que uma sociedade se torne confiável, estável e de afetos verdadeiros.

Na peça de Goethe prevalece o oposto. Há fortes afetos, mas estão submetidos a uma consciência crítica. Estamos nos relatos em que, ao invés da simples passagem ao ato, há uma moderação consciente dos personagens. O abandono dos sacrifícios humanos, da máscara, tanto do teatro grego quanto das atuais máscaras sociais, em prol de se revelar sentimentos verdadeiros, com toda a ambivalência dos sentimentos humanos.

Ifigênia tem respeito e amizade pelo rei - que tanto a recebeu no exílio quanto aceitou o abandono dos sacrifícios humanos. Mas a saudade de retornar à terra natal é maior. Quando ela solicita a permissão do rei, este responde: *Então se vá! (So geht!).* (Goethe, 2016, p.122*).* Mas esta seca autorização para que com Orestes e Pilades retorne à Grécia não satisfaz Ifigênia. Então, a fala final de Ifigênia traz outros novos sentimentos ao universo teatral e mitológico grego: gratidão, saudade e preocupação. *Toda vez que alguém vier de Tauris*, diz Ifigênia ao rei (...) *Na lareira uma cadeira aprontarei para ele, só de ti inquirindo-o do teu fado. Que merecida recompensa os deuses te outorguem pelas tuas ações nobres, tua benignidade* (Goethe, 2016, pg.123). Ao que o rei Thoas então responde com as palavras que Ifigênia deseja: *Adeus - Lebt wohl!* (Goethe, 2016, p.123) – que, em português, pode ter várias interpretações - *adeus, até logo, viva bem*.

Mas a expressão alemã *Lebt wohl* significa literalmente *vivam bem* e é utilizada como uma despedida formal ou enfática (equivalente ao "adeus" ou "passar bem" em português). Gramaticalmente, é o imperativo plural da expressão *lebe wohl*. *Lebe* deriva do alemão antigo, que significava "permanecer", "continuar", compartilha a mesma origem etimológica do inglês "live"/"viva(m)". E *wohl* deriva da raiz Indo-europeia, *welh*, que significa "querer" ou "desejar". E assim carrega um peso emocional ou histórico: sugere uma despedida definitiva. *Lebt wohl* também pode significar *deseje a vida*.

Sem dúvida que as palavras finais do rei Thoas impactaram a opinião de Freud no sentido de que uma despedida pessoal, definitiva, saudada pelo *Adeus* (*Lebt wohl!*), transforma a pulsão de morte em pulsão de vida.

Como descreveu Freud no seu texto, a ser lido por sua filha Anna na presença da audiência da outorga ao prêmio Goethe:

> (...)Na Ifigênia, talvez sua criação mais sublime, Goethe nos oferecem um comovedor exemplo de expiação, de liberação do fardo da culpa por uma alma sofredora, e faz com que essa catarse se realize mediante uma apaixonada irrupção de sentimentos, sob a benéfica influência de um afetuoso interesse. (Freud, 2010, p.360)

Referências

Alfons Paquet. In Wikipedia. Recuperado de https://en.wikipedia.org/wiki/Alfons_Paquet

CLASSICA – Revista Brasileira de Estudos Clássicos. Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC). e-ISSN: 2176-6436 https://revista.classica.org.br/classica

Dicionário de alemão-português. (2006). Porto Editora.

Eurípedes. (2008). *Iphigenia among the Taurians, Bacchae, Iphigenia at Aulis, Rhesus.* Oxford University Press.

Freud, S. (2021). *Cartas aos filhos / Sigmund Freud.* Organização: M. Schröter, I. Meyer-Palmedo, E, Falzeder. Tradução Georg Otte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Freud, S. (2022). *O pequeno Hans: análise da fobia de um menino de cinco anos*. Tradução do alemão Renato Zwick. L&PM.

Freud, S. (1930/2010). *O prêmio Goethe*. In: *Obras completas vol. 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos.* (P. C. Souza, trad.). . Companhia das Letras.

Goethe, J.W. von. (2016). *Ifigênia em Táuride*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. . Editora Peixoto Neto.

Goethe, J.W. von. *Iphigénie en Tauride/Iphigenie auf Tauris*. Colletion bilingue des classiques étrangers. Traduit et présenté Hippolyte Loiseau. Editions Montaigne, s,d.

Goethe, J.W. von. (1991). *Iphigenia in Tauris*. Translated by Charles E. Passage. Waveland Press, Inc., reprinted.

Graf, H. *Lexikon verfolgter Musiker und Musikerinnen der NS-Zeit*. Institut für Historische MusikwissenschaftLexM. https://www.lexm.uni--hamburg.de/content/index.xml

Johann Wolfgang von Goethe. (2017, abril). In Wikipedia. Recuperado de https://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Wolfgang_von_Goethe

Jones, E. (1957). *The life and work of Sigmund Freud. Volume III – 1919-1939 -The Last phase (1ª ed.)* (pp. 151-152). Basic Books Inc.ion.

Lopes, A. J. (2022). O pequeno Hans – um garoto muito visível e Herbert Graf – o homem invisível. *Estudos de Psicanálise*, 58, 35-50.

Stok, F. (2011). Sigmund Freud's Experience with the Classics. *Classica Revista Brasileira de Estudos Clássicos* (Brasil) 24.1/2, 57-72. file:///C:/Users/anchy/Downloads/FreudClassica%20(1).pdf

Recebido em: 10/07/2025
Aprovado em: 27/07/2025

Sobre o autor
Anchyses Jobim Lopes
Médico e bacharel em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Mestre em medicina (psiquiatria) e em filosofia, Doutor em filosofia pela UFRJ.
Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) filiado a International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).
Professor do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antônio Franco Ribeiro da Silva. Supervisor clínico do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP).
Participante e ex-coordenador do Grupo de Trabalho Sobre Neo e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ.
Lecionou como professor assistente do quadro principal do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Professor adjunto da Faculdade de Educação e da graduação em psicologia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP) e Professor titular III dos cursos de graduação em psicologia e de especialização em Teoria e Clínica Psicanalítica da Universidade Estácio de Sá (UNESA).
Patrono das turmas de formandos em psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1998 e 1999, e patrono da turma de formandos em psicologia 2012 da Universidade Estácio de Sá.
Delegado do CBP para a International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).
Um dos editores regionais para a América do Sul da revista International Forum of Psychoanalysis, da IFPS.

E-mail: anchyses@terra.com.br